



IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento" dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

HEROÍNAS NEGRAS E VOZES ESTUDANTIS: TECENDO PERTECIMENTOS E IDENTIDADES NO PIBID

Barbara Sales Schreurs¹

Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio (CEUNSP)

Ms. Alberto Fernando Gil Dias²

Escola Estadual Professora Maria de Lourdes Moraes Costela

Ma. Maria Cristina Perez Vilas³

Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio

O presente resumo expandido descreve e analisa as ações pedagógicas desenvolvidas no âmbito do subprojeto *Alfabetização: eixos letramento literário, multiletramentos e recomposição de aprendizagens*, do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), vinculadas ao curso de Pedagogia do Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio (CEUNSP) e executadas na Escola Estadual Professora Maria de Lourdes Moraes Costela, situada no município de Salto/SP. O subprojeto tem como um de seus principais propósitos superar a visão compartimentada das práticas pedagógicas, promovendo a integração entre as diferentes linguagens que circulam na escola. Inserido nesse contexto, o trabalho desenvolvido com alunos dos anos finais do ensino fundamental que apresentam dificuldades de alfabetização na escola parceira possibilitou o contato com situações diversas em que a linguagem literária é experimentada. O objetivo é favorecer que esses estudantes reflitam sobre o funcionamento dessa linguagem, reconhecendo-a como instrumento de formação estética, cultural e crítica.

¹ Graduada em Jornalismo e Licencianda em Pedagogia pelo Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio (CEUNSP). Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES). barbara.s.schreurs@gmail.com • <http://lattes.cnpq.br/0642061396064182>.

² Graduação em Letras - Alemão pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) e mestre em Educação na UNICAMP, é professor de Língua Portuguesa na rede estadual de Salto, onde também é supervisor de subprojeto do PIBID vinculado ao CEUNSP. afgunesp@yahoo.com.br • <http://lattes.cnpq.br/3615583617827491>

³ Pedagoga e Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), é professora do curso de Pedagogia do CEUNSP, onde também atua como coordenadora Institucional e de Área do PIBID. mvilas@ceunsp.edu.br • <http://lattes.cnpq.br/0189675362154799>

Realização:



CEUNSP
Centro Universitário
N. Sra. do Patrocínio

opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

A intervenção a ser relatada teve como eixo central a utilização do livro *Heroínas Negras Brasileiras*: em 15 cordéis, escrita por Jarid Arraes e ilustrada por Gabriela Pires, selo Seguinte, da editora Companhia das Letras. A proposta teve como objetivo destacar a potência do cordel, compreendido como linguagem e arte (Melo, 2010), como instrumento de mediação artística e histórica no fomento ao protagonismo juvenil, ao letramento crítico e ao fortalecimento das identidades e pertencimentos de estudantes do 9º ano da escola parceira.

Em *Heroínas Negras Brasileiras*, Arraes (2017) recupera trajetórias de mulheres negras historicamente silenciadas, e reinscreve essas vozes na memória coletiva brasileira por meio da linguagem poética do cordel. As ilustrações de Gabriela Pires ampliam essa experiência, fazendo do livro também um espaço de educação do olhar. Como afirma Melo (2010, p. 97,98),

cordel tem sido, entre os gêneros literários, aquele que mais se associou à imagem. [...] A poética da imagem e a poética do verso estão associadas de tal modo que palavra e imagem são fundamentais nas artes do cordel, quando as figuras do desenhista, do xilogravurista, do escritor e do leitor se confundiram, pois tanto a imagem quanto o texto existem para serem lidos por alguém.

Ao deslocar o protagonismo histórico para figuras femininas e negras, essa proposta também buscou romper com o apagamento simbólico que as matrizes eurocêntricas impuseram as narrativas hegemônicas. O uso do livro permitiu aos estudantes reconhecerem líderes como Antonieta de Barros como constituintes de suas próprias ancestralidades e subjetividades. A relevância deste relato reside, portanto, na articulação intencional entre a preservação da memória coletiva e o fortalecimento da autoestima discente, assegurando que o direito à expressão artística seja compreendido de forma indissociável do direito à memória viva. Além disso é fundamental compreender a literatura e a arte como experiências de acolhimento, escuta e fortalecimento dos vínculos sociais, especialmente em contextos de vulnerabilidade (Petit, 2019).

É importante ressaltar que a proposta pedagógica surgiu a partir das reflexões dos próprios estudantes que, em produções poéticas e momentos de escuta, identificaram a existência de uma “escada incompleta” na estrutura educacional contemporânea. O processo dialogou conceitualmente com o poema e curta-metragem *Escada Incompleta* (SCHREURS; DIAS; VILAS; 2025), cujos versos operam como uma metáfora sensível dos degraus da

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu • SP • 2026

alfabetização e do letramento visual que os estudantes constroem cotidianamente. Ao evocar a "escada" que falta na estrutura social, a produção poética impulsionou discussões profundas sobre o pertencimento e a identidade cultural. A apropriação dessa metáfora pelos estudantes transformou a percepção do espaço escolar, fazendo-os compreender que a valorização do patrimônio imaterial negro é ferramenta coletiva para o fortalecimento de suas próprias trajetórias.

As ações desenvolvidas na intervenção organizaram-se a partir de rodas de leitura e conversa com a obra *Heroínas Negras Brasileiras* em 15 cordéis, fundamentadas nas contribuições Chambers (2023), Cosson (2020), Petit (2009) e Bajour (2012) acerca da mediação de leitura literária. Nesse contexto, compreender o texto verbal e não verbal significou participar de um processo dialógico e compartilhado, em que o bolsista mediador não impôs interpretações prontas, mas escutou, provocou e acolheu as múltiplas vozes dos estudantes, convidando-os a expressar percepções, memórias e relações construídas durante a leitura. As rodas se constituíram como um espaço de encontro dos estudantes com os cordéis, de escuta e construção coletiva de sentidos, valorizando as diferentes formas de expressão dos adolescentes. A experiência possibilitou aos participantes reconhecer outras referências históricas, artísticas e culturais para além das narrativas hegemônicas frequentemente presentes no espaço escolar.

Neste sentido, a proposta dialoga também com Freire (1996) que compreende a educação como prática dialógica capaz de estimular nos estudantes uma leitura crítica da realidade e de suas próprias experiências.

A metodologia da intervenção fundamentou-se em práticas de mediação de leitura e produção artística. Primeiramente, realizou-se a mediação da leitura do livro, explorando a articulação entre as rimas do cordel e as xilogravuras de Gabriela Pires. A análise das imagens e a posterior produção visual dos estudantes foram fundamentadas teoricamente pelas contribuições de Kossoy (2014) sobre a leitura iconográfica, possibilitando que os alunos refletissem sobre os filtros ideológicos e as representações de poder presentes nas imagens e nos textos históricos. Em seguida, os discentes elaboraram textos escritos e ilustrações autorais produzidas manualmente.

Os resultados obtidos evidenciam que a mediação literária e artística, fundamentada no patrimônio imaterial negro, possibilitou aos estudantes ocupar uma posição mais ativa e crítica

Realização:



CEUNSP
Centro Universitário
N. Sra. do Patrocínio

opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

diante de suas próprias linguagens e experiências. As produções escritas de Pedro, estudante do 9º ano, mostram-se representativas desse processo de apropriação e ressignificação.

Na primeira produção textual analisada, elaborada a partir da leitura e discussão do cordel sobre Dandara dos Palmares, o estudante estabeleceu relações entre a opressão histórica vivida pela população negra e as desigualdades presentes na sociedade contemporânea. Ao refletir sobre a privação de direitos, conceituou a liberdade de maneira poética e, em seguida, aproximou essa discussão das formas atuais de exclusão e marginalização urbana:

A liberdade é o que dá saída livre para as pessoas irem gratuito e felizmente para fora dos castigos, solidões e cantinhos sombrios e fora das obrigações, longe das ordens [...]. Escravo é quem (alguém) que não tem muitos direitos livres e gratuitos de vontades próprias, que tem obrigações de pagar pelo que fazem [...]. Escravidão pode também ser vista em pessoas sem teto, que moram na rua, a maioria dos sem teto não tem escolha a não ser que possam ou pretendam trabalhar duro para conseguir novos direitos e se organizarem mais apesar das obrigações e dívidas duras e difíceis que terão que enfrentar [...] (Pedro, 2026).

A capacidade de relacionar o racismo geográfico e a falta de moradia às diferentes formas de privação da liberdade mostra como o patrimônio da resistência quilombola ajudou o estudante a desenvolver uma leitura mais crítica da realidade ao seu redor. Em sua produção, Pedro demonstra compreender que muitos processos de exclusão social ainda reproduzem desigualdades herdadas das estruturas coloniais do passado.

Na segunda produção, dedicada à trajetória de Aqualtune, o estudante retoma a história da princesa congoleza para discutir as invasões territoriais e destacar a força e a resistência feminina. O relato chama atenção por explicitar a maneira como Pedro humaniza essa liderança histórica, valorizando o patrimônio imaterial negro por meio de referências afetivas ligadas à ancestralidade:

Quando ela estava grávida e avançada não causou impedimentos indo com tudo, com movimentos e com muita esperança e fé e muito entendimento junto com as outras pessoas negras com muita coragem fizeram a fuga e foi para o quilombo. Além de guerreira Aqualtune era uma princesa africana de um reino de Congo, ela já liderou um exército de 10 mil homens para combater e impedir a invasão de seu reino em 1665 (Pedro, 2026).

A percepção da gestação de Aqualtune como símbolo de “esperança e fé”, e não de fragilidade, também mostra como a mediação literária favoreceu a construção de empatia e de aproximações mais humanas com a história. Em sua produção, o estudante contribui para romper com o apagamento histórico das mulheres negras em espaços de liderança e resistência.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas íntimas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

O aspecto mais significativo do processo de pertencimento e autoconhecimento apareceu na atividade inspirada na trajetória de Carolina Maria de Jesus. Ao discutir as dificuldades enfrentadas pela escritora e sua insistência em registrar a própria realidade por meio da escrita, Pedro estabeleceu relações entre diferentes referências culturais e sua própria experiência de vida. O estudante aproximou a trajetória de resistência de Carolina à de artistas que admira, como Marilyn Manson e Ozzy Osbourne, utilizando a escrita escolar como espaço para afirmar também sua condição de aluno diagnosticado com Autismo, TDAH e Discalculia:

Ozzy Osbourne ainda me motiva a continuar estudando lutando na escola sem parar por nenhuma dificuldade, me identifico muito nele também já sofreu no passado igual eu, ele tinha dislexia e TDAH, e eu tenho autismo e discalculia, mas ele parou de estudar, e eu não quero ainda quero ir pra escola para aprender [...]. Eu fico feliz por ser diferente e especial como meus ídolos foram porque agora eu sei e acredito muito que vou conseguir mostrar para as pessoas que sou melhor do que elas, quero ficar poderoso, virar uma lenda quando morrer (Pedro, 2026).

Esse relato de experiência confirma as premissas de Petit (2019) e Chambers (2023) de que diálogos sobre/com a literatura e a arte oferecem ferramentas para que sujeitos vulnerabilizados elaborem suas dores e reconstruam suas identidades. O acesso ao patrimônio histórico negro e ao cordel parece ter contribuído para que estudantes como Pedro ressignificassem sua relação com a escola, diminuindo sentimentos de inadequação e fortalecendo o desejo de participação e expressão dentro do espaço escolar.

Nesse sentido, a articulação entre História, literatura, e artes visuais, associada a práticas de escuta e diálogo, pode favorecer não apenas a recomposição de aprendizagens de alunos dos anos finais do ensino fundamental, mas também experiências de pertencimento e reconhecimento. Ao trazer o patrimônio negro e as vozes dos estudantes para o centro das discussões, as ações desenvolvidas pela equipe do PIBID buscam colaborar para a construção de uma educação antirracista, inclusiva e sensível às experiências dos sujeitos da escola pública.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento" dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

REFERÊNCIAS

ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras: em 15 cordéis**. São Paulo: Seguinte, 2017.

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012

CHAMBERS, Aidan. **Diga-me: as crianças, a leitura e a conversa**. São Paulo: Cortez, 2023.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo. Contexto, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

MELO, R. A. DE. Artes de cordel: linguagem, poética e estética no contemporâneo. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 35, p. 93–102, jan. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-4018357>. Acesso em: 15 maio 2026.

PETIT, Michèle. **Ler o mundo: experiências de leitura em tempos de crise**. Tradução: Arthur Bueno. São Paulo: Editora 34, 2019.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SCHREURS, B. S.; DIAS, A. F. G; VILAS, M. C. P.; Curta-metragem “Escada Incompleta: Extensão Poética e Multiletramentos no Contexto Escolar”. In: **ENCONTRO DO MELP**, 7., 2025, Campinas. Caderno de resumos Campinas: Unicamp/Publicação IEL, 2025. p. 173.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:

